

Literatura e Relações de Trabalho na Obra “O Tempo e o Vento” de Érico Veríssimo*

Vania Cunha Mattos

Juíza do Trabalho Titular da 13ª Vara do Trabalho de Porto Alegre

Na vertente das comemorações dos cinquenta anos de lançamento de *O Continente*, primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, do grande escritor Érico Veríssimo, cabem algumas idéias sob o prisma das relações de trabalho naquela obra.

Certamente que o escritor que melhor retratou a “identidade do estado da alma gaúcha” (1) não teve maior preocupação em identificar relações de trabalho, mas apenas em mergulhar nos contornos da História do Estado do Rio Grande do Sul.

A trilogia se inicia nos primórdios da formação do nosso Estado e, ao longo de seu desenvolvimento, chega até o período da era Vargas, através de uma galeria de personagens, sendo que muitos adquiriram vida totalmente independente do contexto nos quais estão inseridos, como é o caso de Ana Terra, Um Certo Capitão Rodrigo ou O Sobrado. Por evidente que as múltiplas histórias

que se cruzam e entrecruzam nos dão uma visão muito particular do grande escritor gaúcho, em sua reconstituição dos primórdios da formação do Estado do Rio Grande do Sul e até quase nossos dias, em inúmeros aspectos, não só históricos, mas sociológicos, econômicos, filosóficos, científicos, religiosos e, também, jurídicos, num complexo panorama que transcende a perspectiva de ser considerado como apenas um romance regionalista.

Érico Veríssimo, talvez mesmo sem objetivo deliberado, enfoca em muitas das passagens de seu romance aspectos que restauram relações de trabalho no campo e na cidade, ao longo do tempo, exatamente com a significação do conceito de tempo, que perpassa por toda a obra aliada ao vento, fator intrínseco na formação, inclusive psicológica de seus personagens (...) “Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando” – costumava dizer Ana

* Trabalho que se limita ao exame dos dois primeiros volumes do *Tempo e o Vento*.

1. Robson Pereira Gonçalves, *O Tempo e o Vento 50 Anos*, Editora UFSM, Ano 2000, No Galope do Tempo, pág. 09.

Terra". (2) (...) "Bibiana repetia frases da avó. Quando a noite ventava e eles estavam dentro de casa em silêncio, esperando a hora de irem para a cama, a moça de repente murmurava : "Noite de vento, noite dos mortos". (3)).

Partindo de um contexto ainda que imaginativo e em grande parte emergente de um microcosmo rural, pode-se afirmar, com base em uma análise meramente teórica, que as relações de trabalho vertidas no contexto da obra são, sem dúvida, a expressão do que ocorreu no início da formação de nosso Estado e, não raro, são identificadas como realidade concreta, mesmo em nossos dias, já que presente fator preponderante de dominação do dono da terra. Mostra-se significativa a escolha, pelo escritor, do sobrenome dos personagens principais – TERRA (Maneco Terra, Ana Terra, Bibiana Terra, Juvenal Terra e tantos outros) e CAMBARÁ (Capitão Rodrigo Cambará, Bolivar Terra Cambará, Licurgo Terra Cambará e outros), porquanto com nítido apelo à terra e à segurança, visto que cambará refere-se a árvore de madeira dura e perene.

Certamente perpassam por toda a linha do romance complexas relações, como a que se estabelece entre Maneco Terra e seus filhos e o índio Pedro Missioneiro, criado dentro da Missão Jesuítica dos Sete Povos, que um dia aportou em suas terras.

"(...) Os Terra estavam trabalhando na lavoura quando Pedro se apresentou para ajudá-los. (...) Ora, aconteceu que Pedro trabalhou aquele dia sem conversar. Comeu a comida que lhe levaram e quando a noite

chegou recolheu-se em silêncio ao galpão. (...) – O melhor mesmo é mandar esse diabo embora refletiu certa manhã. Aconteceu, porém, que nesse mesmo dia Pedro se ofereceu para domar um potro – e fê-lo com tanta habilidade, com tamanho conhecimento de ofício, que Maneco Terra ao anoitecer não pensava mais em despedi-lo. Aquele bugre era o melhor domador que ele encontrara em toda a sua vida! Pedro precisava ficar, pois havia muitos potros a domar." (4)

O autêntico – capataz de estância – pode ser identificado em personagem tido como fundamental – Fandango (mentor de Licurgo Cambará no conhecimento empírico, em especial no que diz respeito às lides do campo).

"(...) Aos quinze anos Licurgo Cambará já era um homem. O resto - que para ele era o principal - aprendia com a própria vida, com a peonada do Angico e principalmente com o velho Fandango, o capataz". (...) "Fandango estava chegando à casa dos sessenta, mas era um homem vigoroso e desempenhado, e tinha mais resistência para o trabalho do que muitos dos peões mais moços do Angico.

Para Licurgo, Fandango era uma espécie de oráculo – o homem que tudo sabe e tudo pode. Um peão era um peão, uma pessoa que hoje poderia estar aqui e amanhã na estrada ou no galpão de outro estancieiro. Mas com Fandango a coisa era completamente diferente. O velho se achava mais preso às terras do Angico do que aquelas árvores que tinham raízes no chão. Desde que nascera, Curgo se habituara a ver o capataz ali na es-

O Continente - Ana Terra, 14ª Ed., Ed. Globo, Porto Alegre, 1977, pág. 73.

3. O Continente - Um certo Capitão Rodrigo, 14ª Ed., Ed. Globo, Porto Alegre, 1977, pág. 193.

4. O Continente - Ana Terra, 14ª Ed., Ed. Globo, Porto Alegre, 1977, págs. 84-5.

tância, como um elemento mesmo da paisagem. Era inconcebível o Angico sem Fandango ou Fandango sem Angico.” (5)

Como a obra perpassa pelas muitas guerras travadas no Estado do Rio Grande do Sul, evidentemente que também se reproduzem as relações entre os grandes estancieiros e o “governo”, no que diz respeito à outorga de sesmarias, à formação de exércitos particulares ou à guarnição para a defesa da província.

“(…) Maneco ouvira muitas estórias. Em vez de muitos homens ganharem sesmarias pequenas, poucos homens ganhavam campos demais, tanta terra que a vista nem alcançava.

Tinham lhe explicado que o governo fazia tudo que os grandes estancieiros pediam porque precisava deles. Como não podia manter no continente guarnições muito grandes de soldados profissionais, precisava contar com esses fazendeiros, aos quais apelava em caso de guerra. Assim, transformados em coronéis e generais, eles vinham com seus peões e escravos engrossar o exército da Coroa, que até pouco tempo ali no Continente era constituído de um único regimento de dragões”.(6)

“(…) O governador gostou muito da minha resposta. E me contou muito em segredo que faz quase dez anos que a Corte não manda pagar os soldados do Rio Grande. O que esses pobres diabos passam. Nem uniforme têm, andam de pés no chão e nes-

ta última guerra brigaram até com lanças de pau, por falta de arma de fogo”. (7)

De outra parte era comum, à época, que aqueles que lutaram nas mais diversas guerras não raro recebessem do governo contraprestação em terras e escravos pelos serviços prestados. Elucidativo é o diálogo entre Ricardo Amaral (senhor de Santa Fé - cidade imaginada pelo escritor) e o Capitão Rodrigo Cambará, sem dúvida, um dos personagens mais significativos da trilogia.

“(…) Só me admiro duma coisa – disse Ricardo, com voz mais conciliadora mas ainda com uma ponta de dúvida. – Como é que um homem, com os serviços que vosmecê prestou ao governo, não teve outras recompensas...

– Recebi o meu soldo, Coronel.

– Não me refiro a soldo. Muitos oficiais depois de deixarem a tropa receberam sesmarias, viraram criadores ou plantadores.

Rodrigo encolheu os ombros e disse.

– Nunca me interessei por essas coisas, Coronel”. (8)

Reflete Pedro Terra – “ (...) Ao pensar na Corte, Pedro pensou em ‘governo’. Era o governo que fazia as leis – leis que sempre vinham em prejuízo do trabalhador, do agricultor, do pequeno proprietário”. (9)

A atualidade do texto de Érico Veríssimo conduz à análise de outras ques-

5. O Continente - A Guerra, 14ª Ed., Ed. Globo, Porto Alegre, 1977, págs. 493, 495-6.

6. O Continente - Ana Terra, 14ª Ed., Ed. Globo, Porto Alegre, 1977, pág. 94.

7. O Continente - Ana Terra, 14ª Ed., Ed. Globo, Porto Alegre, 1977, pág. 147.

8. O Continente - Um certo Capitão Rodrigo, 14ª Ed., Ed. Globo, Porto Alegre, 1977, pág. 211.

9. O Continente - Um certo Capitão Rodrigo, 14ª Ed., Ed. Globo, Porto Alegre, 1977, pág. 193.

tões, como reforma agrária, a exploração da mão-de-obra no campo, as intrincadas questões políticas e seus desdobramentos. No entanto, subjacente a todo esse enfoque universal, desdobram-se as diversas guerras e revoluções que forjaram a identidade, afinal, do povo de nosso Estado, ainda que na vi-

são da personagem Ana Terra (a guerra): “(...) Isto é falta de serviço. Se esse homem tivesse de trabalhar como a gente, de sol a sol, não ia se lembrar de invadir a terra alheia” (10), quando começaram a circular os rumores sobre a tomada por D. João da “Banda Oriental”.

10. O Continente - Ana Terra, 14ª Ed., Ed. Globo, Porto Alegre, 1977, pág. 151.